

I Feira Literária Brasil-África (FLIBAV) - Feira Literária Brasil-África Vitória, Espírito Santo

13 e 14 de novembro de 2013

Universidade Federal do Espírito Santo

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E SUPERAÇÃO DO RACISMO*

Por Éle Semog**

1- Pedacos de história no tempo

Tratar desse tema, literatura afro-brasileira e superação do racismo, além do desafio constitui tarefa que se manifesta agradável, um enunciado de muitas possibilidades com perspectivas de releituras e novos arranjos sobre o que já foi construído. Mas, também, é perturbadora, sufocante, tal a forma como os abismos construídos pela dinâmica do racismo parecem intransponíveis. Contudo, em quaisquer das duas situações há sempre a sensação de desafio e uma pulsão de insurgência em relação às muitas faces que a literatura assume no Brasil.

Literatura afro-brasileira é um conceito novo, não é possível afirmá-lo como um paradigma, mas são princípios e parâmetros de um modelo que pode ser tomado como referência para o combate e superação do racismo corrente no processo histórico brasileiro.

Uma discussão sobre esse tema nos permite bisbilhotar muitos escaninhos, descobrir preciosidades, nos assustarmos com idéias carcomidas pelo tempo, mas que insistem em se confrontarem com os novos paradigmas. Uma dessas ideias, já agonizante, é a que insiste em negar a existência da literatura afro-brasileira, ou literatura negra brasileira como preferem alguns autores e pesquisadores negros.

Não posso chegar, nesse início de conversa, com um papo reto sobre como a literatura afro-brasileira pode ser um instrumento, ou ser utilizada, como recurso para a superação do racismo. Mas posso afirmar que os negacionistas se dão ao trabalho de monitorar diuturnamente as iniciativas e conquistas de direitos dos afro-brasileiros no campo democrático, para se

manifestarem de forma ineloquente contra essas conquistas. Caso emblemático foi o que levou o Superior Tribunal Federal a ratificar a constitucionalidade das cotas raciais nas universidades.

O racismo é uma construção ideológica e social que atende aos interesses de setores que detém grande parte da hegemonia política, econômica e cultural. Esses setores não são blocos, ou grupos explícitos que se manifestam de forma objetiva na sociedade. Diluem-se por meio de indivíduos, que se assemelham a capilares sanguíneos e operam em rede, alimentando o racismo em todos os setores da sociedade e do Estado.

Ao contrário da função exitosa dos capilares sanguíneos no corpo humano e em todo o reino animal, esses indivíduos são agentes que infectam danosamente os sistemas que regem a sociedade (cultura, religião, política, idioma, costumes) e o Estado (Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário), instituindo situações tão aberrantes e extemporâneas ao século XXI, que não há lugar que se possa situá-los, seja pela categoria indivíduos que vivem num país subdesenvolvido, seja na categoria de indivíduos culturalmente bestializados.

Nesta última década são incontáveis os exemplos de manifestações racistas por parte dos sistemas que regem a sociedade e o Estado. Torna-se necessário destacarmos alguns, para chegarmos ao por que da necessidade de existir a literatura afro-brasileira, ou literatura negra brasileira. Vejamos esses casos:

Cultura – restrição e impedimento policial, no Rio de Janeiro, da música negra nas comunidades ocupadas pela Polícia Militar; assassinados de jovens músicos negros dos blocos afro em Salvador e no Rio de Janeiro;

Religião - perseguição, agressões físicas e destruição das casas religiosas de matriz africana e afro-brasileiras; exclusão dos pais e mães de santos das celebrações religiosas, de origem cristã, denominadas ecumênicas; perseguição, no âmbito da escola, a alunos adeptos de religião de matriz africana;

Política – baixa participação de negros e negras nos partidos políticos e, praticamente, nenhuma representação nos legislativos dos três níveis;

Idioma – uso corrente e intenso de expressões chulas para adjetivar pessoas e mesmo a população negra com um todo o país;

Costumes – a rejeição às crianças negras no processo de adoção, chegando algumas delas a completarem 18 anos vivendo nos orfanatos;

criminalização e demonização das palavras negro e negra, quando em referencia a pessoa, nas suas varias acepções;

Poder Executivo – “A questão da interrupção da gravidez tem tudo a ver com a violência (...). Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal. O Estado não dá conta”. (governador Sérgio Cabral) (1)

"O critério não foi étnico, o critério foi outro e eu achei correto. O primeiro era a qualidade estética, depois autores que tivessem livros traduzidos para o alemão e língua estrangeira. A Feira de Frankfurt é uma feira comercial e nós temos que dar prioridade a quem já está lá e vai poder se colocar também pela diversidade", Ministra da Cultura Marta Suplicy, sobre o Estado brasileiro ter pagado as despesas de viagens de 70 escritores/as brasileiros para a Feira Comercial do Livro de Frankfurt, dos quais 68 eram brancos. (2)

Poder Legislativo - ”. “Todos nós sabemos que a África subsaariana forneceu escravos para o mundo antigo, para o mundo islâmico, para a Europa e para a América. Lamentavelmente. Não deveriam ter chegado aqui na condição de escravos. Mas chegaram. (...) Até o princípio do século 20, o escravo era o principal item de exportação da pauta econômica africana.” (...)“Nós temos uma história tão bonita de miscigenação... [Fala-se que] as negras foram estupradas no Brasil. [Fala-se que] a miscigenação deu-se no Brasil pelo estupro. [Fala-se que] foi algo forçado. Gilberto Freyre, que é hoje renegado, mostra que isso se deu de forma muito mais consensual.” . (Ex-senador da Republica Demóstenes Torres, cassado por corrupção) (3)

“Índio nasce índio, não tem como mudar; negro nasce negro não tem como mudar; mas quem nasce homossexual pode mudar. Até a palavra homossexual deveria ser abolida do dicionário, já que se nasce homem ou mulher” (Deputado Federal Marco Feliciano) (4).

Não faço aqui citações excepcionais, trato de banalizações racistas no cotidiano da sociabilidade brasileira, que toma feições bizarras, quando expressas pela voz de sujeitos de tão elevado destaque nos seus campos de atuação.

A questão crucial é que essa logorreia racista decorre ou resulta em ações práticas de racismo que se materializam no âmbito da escola:

“O cabelo foi motivo de muitos relatos de discriminação dos alunos durante as observações e atividades do grupo focal. Eles falavam de cabelo bonito, arrumado e se dirigiam às crianças de cabelo crespo como cabelo ruim, feio desarrumado. A escola estabelece padrões de beleza,(...) Uma aluna negra chegou a escola com os cabelos soltos. Os alunos começaram a rir. Um mostrava para o outro e continuava rindo e a aluna foi para o final da fila. Uma professora comentou com a outra que também ri/sorri. Nos outros dias percebi que a aluna não soltou mais os cabelos”. (Santana, 2013).

No âmbito do trabalho:

“Os negros livres, artesãos e pequenos empreendedores que exerciam suas atividades, principalmente nas grandes cidades como Rio de Janeiro, embriões de futuras empresas capitalista de afro-brasileiros, foram não apenas deslocados das atividades mais qualificadas que exerciam para as menos qualificadas, como também foram sendo colocados em regiões mais distantes dos centros urbanos onde as dificuldades eram maiores até para a comercialização das mercadorias produzidas. Ou seja, todo um mecanismo visando a inibição das atividades econômicas procedentes da comunidade afro-brasileira foi colocado em prática com graves consequências para essa comunidade. Seu membros eram requeridos pela sociedade brasileira da época apenas como escravos, ex-escravos e massa de mão de obra barata. (Monteiro, 2001).

Também em outras áreas de atividades, tanto no âmbito da sociedade quanto do Estado, a ideologia e a ação racistas operam de forma sinérgica produzindo danos nos afro-brasileiros, as vezes irreversíveis, nos campos psicológico, físico, econômico, dentre outros.

2- O racismo e a cara negra na luta

A sociedade e o Estado não operam como instituições autônomas, eles respondem as circunstâncias geradas anteriormente pela vontade de entes racistas. Essas circunstâncias são carregadas de dialética e de proposições de negação da materialização do desejo do outro, no caso o afro-brasileiro, onde o desejo por progresso pessoal, por oportunidade social, por direitos, por cidadania, não deve ser materializado. A esse respeito merece destaque o apontamento de Jacques d'Adesky, quando afirma:

“(...) é importante observar aqui a coexistência de dois padrões de valores que se interpenetram. O primeiro considera como valor dos valores do tipo-ideal branco. Ele é a norma positiva de referencia e, por ser a norma, usufrui da primazia na hierarquia racial. O segundo erige a homogeneização também em norma positiva. Mas esse valor se destina antes de tudo aos negros. Espera-se deles que se submetam à escala hierárquica, branqueando-se.

O movimento social se caracteriza por um conjunto de indivíduos, ou grupos de interesses comuns, agregados em torno de objetivos e ações, visando modificar determinado contexto, ou estado da arte. Neste sentido o movimento negro, ao se reorganizar na década de 1970, se institui como movimento social, com o propósito de superar e eliminar o racismo já há muito consolidado na sociedade brasileira, e ideologicamente sacramentado a partir do advento Casa Grande e Senzala e os desdobramentos da democracia racial..

O processo de reestruturação do movimento negro naquele momento foi bastante singular, mas não tão estranho as experiências e contradições vividas na década de 1930 com a Frente Negra Brasileira, dentre outros fatos pelas suas nuances monárquica e integralista.

As proposições da Frente Negra Brasileira, no que diz respeito à promoção do progresso dos afro-brasileiros, embora tenham agregado valor a luta pela superação do racismo promovendo a auto-estima e um sentimento de orgulho e pertencimento, eram bastante clássicas no que se refere a integração social do negro na sociedade racista. Padrão semelhante vamos encontrar na maioria dos jornais da comunidade negra (Freias, 2009) e nos clubes sociais negros, onde se busca construir o ideário de “negro do bem” em meio a uma vida social segregada e, por vezes, em detrimento da identidade cultural negra.

Em 1944 Abdias Nascimento funda o Teatro Experimental do Negro, com uma proposição explícita de combate ao racismo e de afirmação da identidade negra. No Teatro Experimental do Negro o ideal de afirmação da identidade racial sobrepõe-se a ideologismo partidário. (Semog e Nascimento, 2006). Diferente do que ocorre com o Teatro Popular Brasileiro, fundado por Solano Trindade em 1950, contemporâneo e amigo de Abdias Nascimento. O TPB, criado na trilha da Comissão Nacional do Folclore, reafirmou a “sua adesão a cultura mestiça e a necessidade de combate pontual ao racismo” (Gregório, 2009).

Durante todo esse período, da década de 1930 a década de 1970, não se tem notícia de um movimento de literatura negra no Brasil, embora em 1932, Lino Guedes pudesse ter sido um dos precursores, com sua poética, da qual destaco o poema

“Novo Rumo!

Negro preto cor da noite,/Nunca te esqueças do açoitado/Que cruciou tua raça./Em nome dela somente/Faze com que nossa gente/Um dia gente se faça!/Negro preto, negro preto,/Sê tu um homem direito/Como um cordel posto a prumo!/É só do teu proceder/Que, por certo, há de nascer/A estrela do novo rumo!” (*Negro preto cor da noite*, 1932).

3- Literatura afro-brasileira, falar e sentir o negro escrito

Os marcos históricos que determinaram a reorganização do movimento negro brasileiro nos anos de 1970 foram a sobrecarga ideológica de democracia racial promovida pelo governo da ditadura militar instalado desde o ano de 1964, a onda de independências dos países africanos do colonialismo europeu e a as lutas e conquistas pelos direitos civis promovidas pelos negros estadunidenses.

Mesmo que seja considerada como fator adverso a dimensão continental do país e a imensa diversidade da população afro-brasileira, paradoxalmente é exato por conta desses marcos históricos que o movimento negro brasileiro não emerge com plena unidade. As causas possíveis desse impedimento dizem respeito a crença na democracia racial que se fortaleceu no ceio da população negra desde a reforma trabalhista implementada pelo ditador Getúlio Vargas em 1943. Outra causa se refere à parcela significativa da população afro-brasileira que abraça as conquistas dos afro-americanos estadunidenses como conquistas possíveis dentro do capitalismo que se insinua no Brasil (uma espécie de realização tipo “Adivinhe quem vem para jantar”(Stanley Kramer, USA, 1967) e, ainda, uma outra causa é que um segmento da população afro-brasileira compreende que o socialismo,

predominante no processo de libertação dos países africanos, pode se constituir na alternativa viável para o negro brasileiro.

Materializou-se então um movimento que utilizava a literatura de outros movimentos sociais, nitidamente fragmentado em duas tendências: uma com a perspectiva de progresso individual do negro, defensora do mérito do sujeito, ostensivamente individualista e outra tendo por princípio a construção do sujeito negro crítico, o crescimento coletivo, o progresso comunal.

Com a restauração da democracia no Brasil, no início dos anos de 1980, essas duas tendências do movimento negro foram imediatamente partidárias, implicando retrocesso fragoroso na luta pela superação e eliminação do racismo.

Mesmo durante o período mais agressivo da globalização e do neoliberalismo, que em função da nova ordem geoeconômica obrigou o governo brasileiro a reconhecer que vivemos numa sociedade e Estado racistas, e a iniciar providências no sentido de promover ações afirmativas o movimento negro se permitiu ser totalmente manietado pelas forças hegemônicas que controlam o racismo, ou pela lógica partidária dos partidos que expressam tímidos programas sobre a questão racial.

Ainda que sob condições adversas e sob interesses conflituosos das diversas correntes, e isto foi percebido na maioria das Conferências Municipais e Estaduais realizadas em 2013, como preparatórias para a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, o movimento negro produziu resultados excepcionais na luta de combate ao racismo no Brasil. Contudo, essas conquistas de direitos materializadas no embate democráticos, são boicotadas, ou sofrem toda sorte de entraves, por ação do racismo estrutural instalado na sociedade e no setor público.

No conturbado contexto dos anos de 1970/80, o movimento negro se reorganizava e produzia um significativo leque de frentes de luta. Áreas de interesse da comunidade afro-brasileira como a educação, a saúde, o trabalho, o feminismo, a cultura, foram se estruturando e se institucionalizando na forma de grupos de estudos, organizações recreativas, organizações não governamentais, secretarias de partidos políticos, adquirindo uma organicidade e ações sistêmicas com elevado grau de proatividade.

As articulações estaduais, regionais e nacionais do movimento negro possibilitaram que muitos escritores e escritoras se encontrassem em reuniões e encontros que tratavam das questões específicas de combate ao

racismo, mas que não tinham relação objetiva com a literatura. No entanto, esses escritores já produziam textos que se caracterizavam como literatura afro-brasileira de combate ao racismo.

O que poderia se compreendido como uma insurgência solitária no campo da criação literária era, na verdade, a expressão de dezenas de autores negros pelo país, com textos aprisionados em gavetas, ou edições de não mais que mil exemplares, ou edições *underground*, a exemplo do que ocorria com a poesia marginal que, embora contasse com escritores negros, não absorvia a questão racial da mesma forma que propagava a rebeldia pequeno burguesa contra os costumes, ou mesmo contra o regime militar.

A necessidade de se pensar e de se fazer literatura de combate ao racismo transcendia a uma mera contribuição a luta do movimento negro. A literatura, enquanto arte negra assumia, efetivamente, um protagonismo que implicava, mais que ressignificação do ente ficcional, uma nova postura no trato dos personagens tanto no texto de poemas, quanto no texto de contos, de romance e de teatro.

Tratava-se da construção de um lugar ulterior a subjetividade da personagem negra construída pela literatura canônica brasileira. Foi a um só tempo fazer do nosso corpo e memória negros territórios de emancipação e de reconhecimento dos nossos afetos. A nossa criança negra sendo o sujeito de infância, de amor e de atenção. A nossa mulher negra sendo o sujeito de inspiração, admiração, reconhecimento e paixão. O nosso idoso negro sendo o sujeito de respeito como vínculo inquebrantável do nosso passado e da nossa memória coletiva. A nossa cultura sendo por nós reconhecida como referencia dominadora e viral, mesmo numa situação de foraclusão (*verwerfung*/Lacan) e, não, como um viés de resistência aquartelada nos guetos.

A fase crucial para a literatura afro-brasileira, que permitiu sua consolidação, foi a forma como os escritores e escritoras negras se apropriaram e trataram o objeto branco. Constatou-se que aquilo não continha nenhum sentido de excelência, nada de especial, se não, tão-somente ser todo vazado por incompreensíveis inquietações provocadas por uma espécie de buraco negro, que predomina no seu sentido existencial, porquanto portador de racismo que ele o é.

Não se trata aqui de inalações ou impressões vindas de sortilégios, se bem que pertenço a uma gente que os consideram legítimos. Essas posições são de um ser desoprimido pelo processo da militância. Fossem disponibilizados recursos para pesquisas, da mesma forma que existiu para se estudar o negro como objeto e, dentre outros resultados, se concluir que

as cotas raciais não são necessárias, se comprovaria de forma elementar essa assertiva da literatura afro-brasileira.

Importante destacar que a ação dos escritores e escritoras negros brasileiros não foi nomeada como movimento da forma que aconteceu com os escritores negros estadunidenses na década de 1920 dentre os quais Langston Hughes, Countee Lee, Jean Toomer e Claude McKay, protagonistas do movimento New Negro, ou com o movimento da negritude, iniciado por escritores das Antilhas e do Caribe, na década de 1930, com Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas e, em seguida, aprofundado por Léopold Senghor. Outros movimentos literários de emancipação devem ser lembrado, dentre os quais a poesia basca e a poesia palestina.

Pelos exemplos de ação da literatura negra citados acima se constata que não há ineditismo no aparelhamento da literatura, voltando-a para o combate e superação ao racismo. Nesse sentido os escritores e escritoras negras se distinguem como uma frente específica da luta do movimento negro brasileiro.

A literatura afro-brasileira, especificamente o gênero poema, passa a falar de dentro da comunidade negra para comunidade negra. Embora o idioma seja o da unidade escravocrata - as outras diversas maneiras de falar de si e do mundo foram *genocidadas* -, o que se produz é uma linguagem sem estranhamentos, portadora de uma identidade cultural e familiar, circulante e comum. Sem espaço para ação do opressor, uma vez que:

“(...) O oprimido introjeta valores do opressor, toma para si seus códigos, suas hierarquias, sua visão de mundo e, sem dúvida, nessas perspectivas, o seu lugar é de incapaz, de feio, de ignorante, de indolente, de porta-voz de mau gosto, de tudo que não se deseja ser.” (Jr. 2009)

O branco não é invisível, mas quando presente nos textos poéticos afro-brasileiros, é o ser malfazejo, tal qual em “Culturas brancas: Venha, venha minha gente/os bantus, os bantus, os bantus/estão chegando!/É hora de histórias, comida e festa/...Os brancos, os brancos, os brancos/estão cercando!/Corra minha gente,/pois vai ter mentiras, dor e morte!/E morte, e morte, e morte.” (Semog, 2010).

A presença do sujeito branco na literatura afro-brasileira não tem a função de negá-lo, mas sim de mostrar de forma pedagógica o quanto ele é reativo em relação aos diversos aspectos da presença do ser negro na sociedade

brasileira, Desta forma é possível pensar a literatura afro-brasileira como hipertextos que possibilitam tanto leituras positivas do ser e existir negros, quanto leituras educativas sobre o ente branco e os diversos graus de sua sociabilidade.

No Rio de Janeiro, desde quando se constitui numa ação cultural, a literatura afro-brasileira se fez presente por meio de recitais em escolas, favelas, universidades, presídios, praças e alhures. A radicalização do enfrentamento ao racismo, por meio da literatura com feições de afrocentrismo, chegou no limiar de um essencialismo negro. Chamou a atenção, não vigou, mas também não fez mal. O importante era estabelecer a existência de uma literatura nominada afro-brasileira. Isto foi feito com a participação em seminários e encontros literários, realização de oficinas em escolas e muitas rodas de conversas com outros segmentos do movimento negro, como os promovidos pelo Grupo Palmares, no Rio Grande do Sul, Grupo Quilombhoje Literatura, em São Paulo, Grupo Negrícia, Poesia e Arte de Crioulo, no Rio de Janeiro e GENS, Grupo de Escritores Negros de Salvador, na Bahia.

Essa militância literária permite a apropriação do eu negro pelo próprio negro. Seu transito por novas subjetividades resulta, de imediato, no autorreconhecimento, no fortalecimento da autoestima, na quebra do medo ou da insegurança frente ao branco posto como único e ideal. O leitor negro, e o não negro, da literatura afro-brasileira passam por ressignificações que lhes possibilitam a construção de novos entendimentos da relação negro-branco, onde o racismo se evidencia como mal-estar cultural, e se torna, nesses leitores, constrangedor permitir que seja banalização.

4- Conclusão

A militância como escritor de literatura afro-brasileira é uma atitude ostensivamente política, marrenta, provocadora. Delimita e evidencia um campo de enfrentamento. Essa postura não se opõe ou gera conflito com escritores negros e negras que buscam caminhos diversos para o seu fazer literário. É o caso de nomes como Salgado Maranhão, Joel Rufino dos Santos, Elisa Lucinda, Muniz Sodré, Paulo Lins. A via expressa por esses conflui para arranjos que podem ser encontrados tessitura dos textos de José Carlos Limeira, Cuti, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Conceição Evaristo, Marcio Barbosa, Inaldete Pinheiro. O que está posto de forma irreversível é que enquanto existir racismo no Brasil, vai existir literatura afro-brasileira para combatê-lo.

São muitos os desafios a serem enfrentados pela literatura afro-brasileira. A formação e ampliação do público leitor, a relação com as editoras, o mercado editorial, a distribuição, a relação com a crítica literária. Mas esses desafios que se situam na perspectiva de negócios, tem respostas contidas na voracidade do capital. Mas outro desafio, que pode gerar muito conflito e desagradáveis mazelas, é o de incluir o ensino de literatura afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental.

Esta reflexão tem relação direta com os 10 anos da Lei 10.639/03, completado em 2013, que altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação e determina o ensino da História da África e da História e Cultura Afro-brasileira em todas as escolas do país.

São muitos os pontos que os educadores e escritores negros terão para desenvolver. Pela resistência histórica dos negacionistas que atua na área de educação conclui-se que serão tarefas e ações para mais de 20 anos de trabalho, É agora a hora de começar a chamar a organização dos primeiros grupos de trabalho.

***texto escrito para a FLIBAV, Vitoria, ES, 2013 e FLIDAN, São João de Meriti, RJ, 2013.**

SANTANA, Milsete Aristides. **Relações Raciais e Gestão Escolar**. Cuiabá. EDUFMT/NEPRE, 2013.

MONTEIRO, José Aparecido. **O empresário negro: histórias de vida e trajetórias de sucesso em busca da afirmação social**. Rio de Janeiro. OR Produtor Editorial Independente, 2001.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2001.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. **O griot e as muralhas**. Rio de Janeiro, Pallas editora, 2006.

GREGÓRIO, Maria do Carmo. **Solano Trindade o poeta das artes do povo**. Rio de Janeiro, Coleção cadernos CEAP, CEAP, 2009.

FREITAS, Jorge Roberto. **Imprensa negra: a trajetória visível**. Rio de Janeiro, Cadernos CEAP, 2009.

SEMOG, Éle. **Tudo que está solto**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2010.

NOGUEIRA JR., Renato. **Aprendendo a ensinar; uma introdução aos fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba, Ed. Ipebex, 2009.

1- em: (gizelemartins.wordpress.com/.../criminalizacao-da-pobreza-e-praticada-p...); acessado em 24/11/2013.

2- em: (www1.folha.uol.com.br/.../1350634-marta-diz-que-criterio-para-levar-a-); acessado em 24/10/2013.

3- em: (<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/dem-corresponsabiliza-negros-pela-escravidao>) ; acessado em 24/10/2013.

4- em: (<http://noticias.gospelmais.com.br/negro-mudar-marco-feliciano-camara-44557.html> -.); acessado em 24/10/2013.